



João Gago da Câmara

Paralelo 38

As lições da praga



Chaminés exalam cheiros a cozinhados, portas encerram-se para o mundo, famílias unem-se, param e conhecem-se, a Terra respira finalmente.

Quem não reage a um ataque? O homem maltrata o planeta, o planeta defende-se e maltrata o homem. E os olhos da NASA veem mais mundo a estender-se no verde, porque a poluição esvai-se como o vapor dos cozinhados. O mundo regenera-se.

Voltei a passar os olhos na história de Erich Scheurmann, “O Papalagui”, que o escritor alemão escreveu em 1920, porque lhe vejo a lição de vida de ontem e de sempre. São 100 páginas, que considero de ingénua maravilha, a retratar a visão de um homem primitivo das ilhas Samoa, Tuávii, um chefe da tribo Tiávea, que, após muito se opor, acabou cedendo à proposta de um jornalista visitante de deixar a sua selva por uns tempos e ir visitar o mundo dito civilizado.

O Papalagui, homem branco na língua Samoa, achou-se perscrutado pelos olhos atentos de Tuávii, o patriarca chegado dos matos do longe, de onde o isolamento é verde e etéreo; da tribo que valoriza o bem espiritual em detrimento do bem material; do lugar onde partilhar é religião; da micro comunidade onde não existem roubos, porque tudo é de todos; de uma geografia recôndita onde o homem faz por a vida passar devagar para dela poder tirar o maior proveito.

Que lição poderemos todos tirar dos ensinamentos de Tuávii!

“O Grande Espírito é que determina, sozinho, as forças do céu e da Terra; é quem as reparte como lhe parece melhor. Não cabe ao homem fazer isso; não é impunemente que o branco tenta transformar-se em peixe, ave, cavalo e verme. E com isso ganha muito menos do que confessa. Quando atravesso uma aldeia a cavalo, vou mais depressa, é claro; mas quando caminho a pé, vejo mais coisas e o meu amigo pode-me convidar para entrar em sua cabana. Raramente se ganha de verdade quando se chega mais rapidamente ao que se procura. Mas o papalagui está sempre querendo chegar depressa ao seu objetivo. Quase todas as máquinas servem apenas para chegar rápido a certa meta. Mas quando chega, outra meta o atrai. O papalagui desse modo vive sem jamais repousar; e cada vez mais desaprende o que é andar, passear, caminhar alegremente em direção ao que não procuramos mas vem ao nosso encontro”.

Hoje, nas casas dos sete bilhões e meio de seres humanos, finalmente não se desvia o olhar, olha-se nos olhos, conversa-se, acarinha-se, abraça-se. Nas ilhas aorianas, em muitos lugares, ouve-se o mar, antes abafado pelo ruído dos carros. As famílias reencontram-se. O “bicho” está lá fora, as paredes são refúgio. A desdita fez regressar a desumanização. Hoje, ter medo é ser corajoso. Será a Terra-mãe a estender-nos a mão para nos voltar a ensinar a andar?

Permitam-me despedir com o provérbio aborígine: “Somos todos visitantes deste tempo, deste lugar. Estamos só de passagem. O nosso objetivo é observar, aprender, crescer e amar... E depois voltamos para casa.”

Diogo Teixeira Dias
djteixeiradias@gmail.com

Ensino fora da sala

O ensino à distância não é uma realidade apenas dos nossos dias, nem um método de emergência, de resposta a situações críticas, de substituição do ensino tradicional.

O ensino à distância tem uma raiz teórica e filosófica desde a Grécia Antiga, mas prática desde os finais da Revolução Industrial (c. 1840), quando os caminhos-de-ferro e a imprensa se massificaram, permitindo abrir vias rápidas aos chamados “cursos por correspondência”, aos quais aderiram fortemente as universidades da União Soviética, logo a partir de 1920.

Depois foi o avanço tecnológico da televisão e da rádio, por volta dos anos 50, que inauguraram a segunda geração do ensino à distância, na qual se concilia o impresso com o digital. É nesta altura que surgem as Universidades Abertas e os primeiros cursos superiores ministrados à distância.

O aparecimento da *internet*, por volta de 1995, e o seu desenvolvimento sistemático e galopante, evoluindo em cinco anos muito mais do que o que no século passado se evoluía em vinte ou trinta anos, foi o que criou uma efetiva revolução no ensino à distância, permitindo uma visão multilateral do contacto e promovendo o diálogo entre o docente e o discente e, não menos importante, o diálogo entre os discentes, centrado nas matérias lecionadas.

Hoje assistimos a um progresso significativo das plataformas de ensino à distância, quer em termos da sua facilidade, como de interatividade, acessibilidade e flexibilidade. Contudo, nunca as soubemos aproveitar muito bem, nem sequer enquanto complemento ao ensino tradicional. Somos conservadores quanto à forma de ensino. O formato da sala de aula é o mesmo há quase duzentos anos. O modelo educativo idem, com pontuais alterações e mérito dos profissionais de educação. Esses heróis, que vão procurando, entre as burocracias, os horários, as imposições superiores e o desrespeito geral que tem merecido a classe, tornar o ensino apelativo e efetivamente útil na formação dos futuros cidadãos.

Mas ensino à distância não é colocar um professor de ensino tradicional em frente a um computador, ou em frente às câmaras da RTP-Açores, e dizer-lhe: agora trabalha.

Este método tem as suas *nuances* e, tal como todos os outros métodos, exigem formação específica, não só relacionadas com a própria interação tecnológica ou recurso às ferramentas digitais.

Em boa verdade, no ensino à distância apresentam-se elementos que na sala de aula estão ausentes, e na sala de aula estão presentes elementos que no digital se ausentam.

Logo no que se refere à mediação do ritmo de aprendizagem, que na sala é ditada pelo professor, no ensino à distância há forçosamente lugar a uma maior flexibilização da gestão do esforço, de acordo com as necessidades e possibilidades do próprio aluno. Não pode ser de outra forma e, por isso, partamos desde já deste princípio realista. É impossível controlar em tempo real a atenção e horário de um aluno à distância, quanto mais de turmas de trinta e quarenta.

É impossível saber se o aluno está atento à aula a ser transmitida em direto ou se está nas redes sociais ou a jogar videojogos. Por isso, o princípio passa a inverter a importância do horário e da assiduidade e privilegiar o cumprimento de objetivos e competências. Desta forma, o aluno tem que provar que esteve atento e a única forma é criar exercícios e mecanismos de avaliação que o potenciem. E que, de preferência, tenham um menor número de questões objetivas e um maior número de questões subjetivas. Privilegiar-se-ia, desta feita, o espírito crítico, quase impermeável à cábula. E finalmente desocupar-se-ia algum lugar ao excesso de objetividade – promotor do “marranço”.

Isto exige uma revolução – e há muito necessária – do Ensino.

E é preciso formar o corpo docente porque não só se alteram as competências pedagógicas que lhe é exigida, mas também as comunicacionais e tecnológicas. Sem formação de *e-professores*, será vã a tentativa de resposta às necessidades educativas desta crise.

É verdade que não temos todo o corpo docente preparado para o ensino à distância. Mas também é verdade que ainda vamos a tempo.